

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Corte no orçamento pode se aproximar de R\$ 20 bi.....	2
Título: Em jantar, Bolsonaro se senta ao lado de Olavo	3
Título: Curtas	4
Título: Buritirama disputa com a Vale o mercado de manganês no Brasil	5
Título: Destaques	7
Título: Brasil tem de investir R\$ 82 bi para atender demanda de combustíveis	8
Título: PGR pede que investigações de Onyx e Eduardo Bolsonaro saiam do STF	9
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	11
Título: Bolsonaro oferece acordo nuclear aos EUA; Rússia e China anotam	11
Título: Base do Brasil na Antártida ficará pronta no fim do mês	12
VEÍCULO: O Globo.....	15
Título: Aumentam os sinais de colapso do regime bolivariano de Maduro	15
Título: Aliança estratégica	17

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 18/03/2019****Seção: Brasil****Autor: Fabio Graner | De Brasília****Título: Corte no orçamento pode se aproximar de R\$ 20 bi**

A área econômica prepara um contingenciamento forte de gastos com base no primeiro relatório bimestral de avaliação de receitas e despesas, a ser finalizado nesta semana. O motivo é a combinação de frustração de receitas administradas no primeiro bimestre, que, mesmo subindo em relação ao ano passado, ficaram abaixo do previsto pelo governo, e a incerteza em torno da privatização da Eletrobras, que está levando os técnicos a retirarem os R\$ 12,2 bilhões previstos na conta do ano.

As fontes evitam falar um número para o bloqueio, dado que as contas ainda estão sendo fechadas, mas afirmaram que será um número bem superior a R\$ 5 bilhões. A informação foi antecipada na sexta-feira pelo **Valor PRO**. Nos bastidores, se menciona a possibilidade de se aproximar de R\$ 20 bilhões. O corte orçamentário é um instrumento para que o governo administre suas contas para cumprir a meta fiscal e o teto de gastos.

Outro fator que levará à indicação de contingenciamento, efetivado em decreto posterior ao relatório bimestral, é a falta de acordo em torno da revisão do contrato da cessão onerosa do pré-sal entre Petrobras e União. Esse elemento poderia ser um fator a permitir o governo sinalizar que os leilões das áreas contíguas seriam feitos neste ano, gerando receita primária. Mas, sem o acordo, isso ainda não pode ser feito.

O resultado com elevado ágio do leilão de aeroportos na última sexta-feira, cujo volume previsto de pagamento de outorga ficou em R\$ 2,4 bilhões, pode amenizar o corte de gastos. Segundo uma fonte, contudo, a dúvida é se os trâmites burocráticos permitirão incorporar esse dado no relatório, elevando a estimativa de receita para o ano. Outra fonte ressaltou que o volume a ser arrecadado com os leilões de aeroportos é muito pouco diante da necessidade de receitas apontada nas estimativas atuais da área técnica.

O comportamento da arrecadação neste início não está tão ruim, pois cresce em termos reais na comparação com o ano passado. De acordo com levantamento feito pelas economistas Vilma Pinto e Juliana Damasceno, do núcleo de economia do setor público do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/ FGV), no primeiro bimestre houve alta de 1%, acima da inflação, no ingresso de recursos administrados pela Receita Federal.

O volume considera uma estimativa de arrecadação em fevereiro, dado ainda não divulgado oficialmente, de R\$ 113 bilhões, com alta real de 5,5% sobre fevereiro do ano passado. De acordo com Vilma Pinto, o desempenho da receita nesse início de ano está positivamente afetado por dois fatores: o aumento do valor em dólar das importações, que ampliou as receitas ligadas a esse segmento, e a mudança nas regras de compensação tributária (que teriam reduzido o uso desse instrumento).

De outro lado, a base de comparação do primeiro bimestre do ano passado, explicou, estaria inflada pela arrecadação gerada pelo Programa de Regularização Tributária (PRT), reduzindo o ritmo de crescimento deste ano. Vilma também apontou que o ritmo ainda fraco de atividade econômica não está ajudando o desempenho das receitas do governo federal, que poderiam estar crescendo mais.

Apesar da alta das receitas nesse início de ano, uma fonte do governo destaca que o resultado está abaixo do esperado. Além disso, as estimativas de receitas para o ano estão inferiores ao previsto no Orçamento de 2019 e, por isso, será preciso contingenciar. **(Colaborou Edna Simão)**

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 18/03/2019

Seção: Brasil

Autor: Jussara Soares, de O Globo, e Paola de Orte, especial para O Globo | De Washington

Título: Em jantar, Bolsonaro se senta ao lado de Olavo

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) chegou ontem a Washington para uma visita de três dias, nos quais se encontrará com Donald Trump, na Casa Branca, para selar uma aliança conservadora, fortalecer os laços econômicos e militares entre os dois países e aumentar a pressão sobre a Venezuela. No primeiro dia na capital americana, Bolsonaro participou de um jantar na residência do embaixador brasileiro nos EUA, Sérgio Amaral.

No evento, o filósofo Olavo de Carvalho sentou-se ao lado de Bolsonaro, no primeiro compromisso do presidente em Washington. Um sinal de prestígio para Olavo, que na véspera havia dito que o presidente está de mãos amarradas por militares próximos com "mentalidade golpista", que vê associados à mídia oposicionista. Depois da apresentação de um documentário sobre suas ideias no Trump International Hotel, em Washington, Olavo foi questionado sobre sua avaliação do governo Bolsonaro. "Se tudo continuar como está, já está mal. Não precisa mudar nada para ficar mal. É só continuar assim. Mais seis meses,

acabou." Também criticou o vice-presidente Hamilton Mourão, um de seus alvos mais frequentes.

Tido como guru da família Bolsonaro, Olavo classificou Bolsonaro como um grande homem, mas que está sozinho e cercado por traidores fardados. "Ele não escolheu 200 generais. Foram 200 generais que o escolheram. Esse pessoal quer restaurar o regime de 1964 sob um aspecto democrático. Eles estão governando e usando o Bolsonaro como camisinha", afirmou. Outro participante de destaque do jantar foi Steve Bannon, ex-estrategista da Casa Branca. Também estiveram presentes Roger Kimball, editor da revista "The New Criterion" e a da colunista do "Wall Street Journal" Mary Anastasia O'Grady.

"Pela primeira vez em muito tempo, um presidente brasileiro que não é anti-americano chega a Washington. É o começo de uma parceria pela liberdade e prosperidade, como os brasileiros sempre desejaram", disse Bolsonaro no Twitter. Num passado recente, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff visitaram os Estados Unidos mais de uma vez. Nos EUA, Bolsonaro está acompanhado dos ministros Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Paulo Guedes (Economia), Sergio Moro (Justiça e Segurança), Tereza Cristina (Agricultura), **Bento Albuquerque (Minas e Energia)**, Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) e Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional). Todos eles participaram do jantar, que também contou com a presença do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente.

Bolsonaro permanecerá em Washington até terça-feira e ficará hospedado na Blair House, a residência oficial para hóspedes localizada em frente à Casa Branca. Além de manter uma reunião privada com Trump na terça-feira no Salão Oval, Bolsonaro vai aproveitar sua estada na capital americana para se reunir com o secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Luis Almagro, e participará em vários fóruns sobre as oportunidades que oferece a economia brasileira. **(Colaborou Daniel Rittner)**

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 18/03/2019

Seção: Internacional

Autor:

Título: Curtas

Oferta de petróleo

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e seus aliados têm muito trabalho pela frente para equilibrar os mercados globais de petróleo e

estão preparados para fazer o que for necessário no segundo semestre, disse ontem o ministro de Energia da Arábia Saudita, Khalid Al-Falih. Segundo ele, o grupo precisa "manter o rumo" até junho, uma vez que os estoques dos EUA permanecem acima dos níveis normais, e há um risco de excesso de oferta no curto prazo, disse ele.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 18/03/2019

Seção: Empresas

Autor: Marcos de Moura e Souza | De Belo Horizonte

Título: Buritirama disputa com a Vale o mercado de manganês no Brasil

A produção de manganês está mudando de mãos no Brasil. A Vale, que tem sido o principal player nacional e um dos maiores do mundo, vem reduzindo sua produção enquanto a Buritirama, empresa pertencente a um jovem empresário paulista, faz o caminho inverso e expande suas vendas e faturamento a um ritmo acelerado nos últimos anos.

Aos 38 anos, o engenheiro civil João José Oliveira de Araújo começou em 2015 a atuar como diretor operacional da empresa e em 2017 adquiriu 100% do capital, segundo ele, a múltiplo de mercado. A mineradora era um ativo da sua família. Seu pai, o investidor Silvio Tini, era o principal acionista.

A entrada de Araújo na Buritirama aconteceu num momento de alta dos preços internacionais do minério, puxados pelo aquecimento da demanda chinesa. O manganês é usado principalmente na produção de aço inoxidável.

Cerca de 90% do total produzido é exportado para clientes na Ásia; mais de dois terços vão para clientes chineses

Em 2015, a companhia faturou R\$ 80 milhões e gerou um caixa de R\$ 1 milhão. Em 2016, os números já melhoraram para, respectivamente, R\$ 220 milhões e R\$ 70 milhões. Em 2017, novo salto: R\$ 500 milhões de faturamento e 230 milhões de geração de caixa. No ano passado, o faturamento foi dez vezes o de 2015: R\$ 850 milhões e geração de R\$ 400 milhões. O preço médio das exportações brasileiras saltou de US\$ 78,6 a tonelada em 2015 para US\$ 136,3 em 2017.

"Nossa previsão para 2019 é faturar R\$ 2 bilhões e alcançar uma geração de caixa de 750 milhões", disse Araújo em entrevista ao **Valor** na semana passada em Belo Horizonte. "Vamos vender este ano aproximadamente 2 milhões de toneladas de manganês e vamos passar a Vale."

Entre janeiro e setembro de 2018, a Vale produziu 1,3 milhão de toneladas de minério de manganês. Os dados constam do relatório de produção e vendas da empresa referente ao terceiro trimestre. A Vale ainda não divulgou dados completos de 2018.

De acordo com a Agência Nacional de Mineração (ANM), em 2015, a produção da Vale correspondia a quase 55% da produção nacional de manganês e a da Buritirama, 14%. Em 2017, a situação se inverteu. A participação da Vale caiu para 34,6% e da Buritirama subiu para 36%. A ANM não dispõe ainda dos números referentes a 2018.

Para Araújo, o avanço da Buritirama se deveu ao câmbio, que favoreceu exportadores nos últimos anos, à alta do preço do minério e muito ao trabalho de gestão e a bons contratos com clientes, sobretudo, asiáticos.

A mina da empresa localizada em Marabá, no Pará, tem a vantagem de ter um minério de alto teor de manganês. Outra vantagem é que está longe de chegar à fase de exaustão das reservas mineiras - o que já acontece com algumas das minas da Vale.

"Estou otimista em relação à demanda por minério de manganês nos próximos anos, principalmente pelo minério de mais alto teor", diz Araújo. "E nós vendemos minério com teor de 44% de manganês, é um produto premium."

De toda produção de manganês da Buritirama, 90% é exportada para clientes na Ásia, dos quais 70% são chineses. Gigantes globais de manganês como a australiana South 32, BHP Billiton, e a francesa Eramet, disputam o mercado asiático com os brasileiros.

Há dois anos, a Buritirama fechou contrato com a Vale para uso de sua linha férrea no Pará. É pelos trilhos, por rodovia e por rios que a produção de manganês da Buritirama chega aos portos da Vila do Conde (PA) e de Itaqui (MA).

Por anos a equação logística foi uma dificuldade enfrentada pela Buritirama. Segundo o relato de pessoas do setor, a questão para a empresa era obter um contrato favorável com a Vale para uso da linha. A Vale teria tido no passado se interessado em comprar a mina da família. Mais recentemente, o manganês deixou de estar entre as grandes prioridades da Vale. Araújo diz que o contrato para uso da ferrovia tem validade por 20 anos.

No início do mês, o empresário -- que diz preferir uma posição de maior discrição, pouco afeito a entrevistas e a fotos - esteve em Toronto onde participou do Prospectors and Developers Association of Canada, um dos principais eventos globais de mineração. Expôs seu case a investidores, bancos e

executivos do setor. Para crescer, a empresa se financiou por meio de bancos nacionais e estrangeiros e pelos próximos três anos os planos de investimentos de R\$ 350 milhões passam de novo por bancos.

A Buritirama é parte do Grupo Buritipar, de Araújo, e do qual fazem parte negócios ainda em estruturação. A Nexon, de cobre, potássio e estanho; a Fazendas Nacionais, de grãos; a Avante BR, de logística; e o porto de granéis em Barcarena, que começa a ser construído este ano, segundo ele.

"Hoje, 90% da receita do grupo vem da mineração, principalmente do manganês. Em três anos essa participação estará em 50% e as cinco empresas vão crescer no mesmo ritmo que a Buritirama."

A mineradora conta atualmente com 3.500 funcionários diretos e indiretos e Araújo sonha [muito] alto: "Minha missão de vida é checar a 100 mil colaboradores."

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 18/03/2019

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

Barragem da Vale

A 2ª Vara Cível da Comarca de Ouro Preto determinou a suspensão das atividades da Vale na barragem Doutor, da Mina de Timbopeba, em Ouro Preto (MG). A multa diária por descumprimento é de R\$ 500 mil. A decisão foi proferida no âmbito da ação civil pública movida pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG) e determinou que a Vale "se abstenha de praticar qualquer ato tendente a construir, operar, altear ou utilizar a barragem Doutor, bem como de operar as demais estruturas da Mina de Timbopeba". Segundo a Vale, a decisão se baseou principalmente em notificação recebida pelo MPMG contendo informações preliminares sobre a barragem de Doutor. A suspensão afeta as operações da mina de Timbopeba e representa um impacto de 12,8 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. A Vale ressaltou que a barragem Doutor possui declaração de estabilidade em vigor e foi inspecionada no dia 14 de março de 2019 por técnicos da Agência Nacional de Mineração (ANM).

TSM obtém licença

A Alupar Investimento divulgou que a subsidiária Transmissora Serra da Mantiqueira (TSM), recebeu do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos

Recursos Naturais Renováveis (Ibama) a licença prévia da linha de transmissão de Fernão Dias - Terminal Rio. A decisão ocorreu com cinco meses de antecedência em relação ao prazo estipulado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). A linha, de 500 quilovolts (kV) e 330 quilômetros de extensão, está localizada nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e visa a possibilitar o recebimento do excedente de energia da região Norte. A Alupar detém fatia de 51% no ativo.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 18/03/2019

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes | De São Paulo

Título: Brasil tem de investir R\$ 82 bi para atender demanda de combustíveis

Para atender a demanda esperada por combustíveis dentro de dez anos, serão necessários R\$ 82 bilhões em investimentos em infraestrutura e produção de derivados, conforme estudo do Boston Consulting Group (BCG) para a Associação Nacional das Distribuidoras de Combustíveis, Lubrificantes, Logística e Conveniência - Plural. A entidade reúne 16 empresas responsáveis por cerca de 70% do mercado nacional de combustíveis.

De acordo com o presidente da Plural, Leonardo Gadotti, especificamente para a distribuição de combustíveis, serão necessários aportes de R\$ 800 milhões em dutos, R\$ 1,6 bilhão em terminais portuários e R\$ 3,9 bilhões em ferrovias dedicadas. Além disso, outros R\$ 38,5 bilhões deveriam ser direcionados para a produção de biocombustíveis e R\$ 37,2 bilhões a infraestrutura que atenderia também a outros setores.

"Esse é um assunto importante. Se não houver solução, e o crescimento projetado se confirmar, pode haver problemas de suprimento", disse Gadotti. Os investimentos necessários em dez anos tomam 2017 como ano base e consideram expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 2,5% ao ano, além da implementação integral do RenovaBio.

Já o aumento da competitividade da distribuição de combustíveis no Brasil depende de ao menos cinco fatores, entre os quais a maior oferta no suprimento de derivados e, conseqüentemente, maior concorrência nesse elo da cadeia, indica o estudo do BCG).

Expansão da logística primária, correção das práticas desleais, aumento da eficiência setorial e remoção de barreiras regulatórias também aparecem entre as condições citadas no estudo "Agenda para a competitividade da cadeia de combustíveis no Brasil", elaborado após a greve dos caminhoneiros, e do subsídio ao diesel e tabelamento do frete.

De acordo com o sócio do BCG André Pinto, o objetivo era entender como funciona o setor, como são formados os preços dos combustíveis no país e se eles foram os reais vilões da paralisação de maio do ano passado. "Os dados não parecem ratificar a mensagem de que os preços eram absurdos", afirmou.

Segundo o estudo, em junho do ano passado, o preço do diesel ao consumidor final no país era 32% inferior à média mundial em termos absolutos, enquanto a gasolina custava 8% menos - relativamente ao poder aquisitivo, o diesel pesava menos no bolso do consumidor brasileiro e a gasolina, mais do que a média mundial.

O levantamento indicou ainda que a concentração no refino vista no país é pouco usual em mercados maduros, o que contribui para uma dinâmica de mercado menos competitiva. Atrair novos participantes para o mercado brasileiro, hoje liderado pela Petrobras, requer a consolidação da formação de preços em linha com as práticas internacionais, acrescentou Pinto.

O elevado peso dos tributos nos preços dos derivados e sua complexidade contribuem para a concorrência desleal no setor. De acordo com o diretor de planejamento estratégico da Plural, Helvio Rebeschini, cerca de R\$ 5 bilhões são sonegados ao ano, especialmente na distribuição de etanol. A simplificação tributária, com uniformização do ICMS, ajudaria a corrigir essas irregularidades.

O estudo do BCG também desconstrói a tese de que a distribuição de combustíveis é mais concentrada do que a média mundial. Em 2018, o país estava no limite entre as faixas não concentrado e moderadamente concentrado do índice Herfindahl-Hirschman (IHH), que mede o grau de concentração de diferentes mercados.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 18/03/2019

Seção: Política

Autor: Mariana Muniz e Isadora Peron | Valor

Título: PGR pede que investigações de Onyx e Eduardo Bolsonaro saiam do STF

BRASÍLIA - A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, pediu ao Supremo Tribunal Federal (STF) que envie as investigações contra o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, e o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente Jair Bolsonaro, a outras instâncias. As manifestações foram enviadas ao STF nos últimos dias.

O mesmo pedido foi feito pela PGR com relação aos ex-senadores emedebistas Romero Jucá (RR) e Valdir Raupp (RO) e ao ex-deputado federal André Moura (PSC-SE).

O parecer de Dodge tem como base o atual entendimento do Supremo quanto à prerrogativa de foro por função. De acordo com decisão de maio de 2018, o STF é a instância competente para julgar crimes praticados por deputados federais e senadores da República no exercício do mandato e em função dele.

Delatado por executivos do grupo J&F, o ministro Onyx Lorenzoni poderá responder às acusações de caixa dois junto ao Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TRE-RS).

A suspeita contra Onyx é de que ele teria recebido doações da JBS, uma das empresas do grupo J&F, mas não declarou em sua prestação de contas, o que configura a prática de caixa dois. Os delatores da empresa dizem ter pago ao deputado R\$ 200 mil em 2014 e R\$ 100 mil em 2012.

Para Dodge, os elementos colhidos até o momento apontam para o crime de falsidade ideológica eleitoral. Mas a PGR entende que o STF já endossou a tese de que a prerrogativa de foro não alcança este crime, pois foi cometido em mandatos anteriores. Diante da situação, Raquel Dodge manifestou-se pelo declínio para o TRE-RS.

Em entrevistas à imprensa no ano passado, Onyx admitiu ter recebido R\$ 100 mil em caixa dois da empresa e argumentou que o dinheiro foi usado para quitar gastos de campanha de 2014, quando disputou uma vaga para a Câmara. Ele chegou a pedir desculpas e disse que o valor não chegava aos R\$ 200 mil registrados nas declarações. Quanto à acusação de 2012, ele negou.

O relator do processo é o ministro Marco Aurélio Mello.

No caso de Eduardo Bolsonaro, a PGR entende que o destino da denúncia pelo crime de ameaça contra a jornalista Patrícia Lelis – apresentada em abril de 2018 – deve ser o Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJ-DF).

“A imputação não se relaciona com as funções exercidas pelo parlamentar”, diz Dodge, ao pedir para que a denúncia seja distribuída a uma das varas criminais

da justiça comum, em Brasília. A ação penal é relatada pelo ministro Luís Roberto Barroso.

Os ex-senadores Romero Jucá e Valdir Raupp devem responder perante a Justiça Federal. Eles são investigados pela prática de corrupção e de lavagem de dinheiro em suposto esquema de pagamento de propina pela Odebrecht em troca de apoio para viabilizar obras das usinas Santo Antônio e Jirau, no Rio Madeira.

No caso de Jucá, o pedido da PGR é para que o caso seja enviado a 13ª Vara Federal da Seção Judiciária do Paraná, por ter conexão com fatos apurados na 41ª fase da Operação Lava-Jato. Já o inquérito de Raupp deve ser enviado à primeira instância, no Rio de Janeiro.

Com relação ao inquérito envolvendo André Moura, a procuradora-geral solicita que as investigações continuem perante a justiça estadual, no Tribunal de Justiça de Sergipe (TJ-SE). Líder no Congresso do governo de Michel Temer, Moura é acusado de tentativa de homicídio contra Josefano Zeferino dos Santos, além de irregularidades que incluem pagamentos a funcionários da prefeitura de Pirambu (SE) sem a respectiva prestação de serviços e desvio de recursos públicos.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 18/03/2019

Seção: Colunas

Autor: Nelson de Sá

Título: Bolsonaro oferece acordo nuclear aos EUA; Rússia e China anotam

Toda Mídia

Com o enunciado “EUA vão aprimorar laços militares com Brasil”, a Reuters entrevistou o almirante Craig Faller, chefe do Comando Sul dos EUA, que tratou Jair Bolsonaro como “uma tremenda oportunidade para fortalecer nossa parceria com o Brasil.”

No dia seguinte, a agência entrevistou em Washington o **almirante Bento Albuquerque, ministro das Minas e Energia**, que afirmou preparar legislação para “abrir o caminho para investimento estrangeiro” na exploração de urânio. “Nós temos que resolver internamente a questão, que hoje é monopólio do estado”, disse, destacando que EUA e Brasil poderão até, “juntos, construir reatores nucleares”.

A agência russa de notícias Tass despachou a revelação de Albuquerque pouco depois.

Em Pequim, a nova edição da Caijing, revista independente de finanças, lida na elite política e econômica chinesa, trouxe longa reportagem sobre a “curva acentuada” de Bolsonaro - que “está levando o Brasil na direção dos EUA e trouxe incerteza à relação” com a China, inclusive possível “restrição a investimento”.

Ouve de Zhou Zhiwei, diretor do Centro de Estudos Brasileiros na Academia Chinesa de Ciências Sociais, que diz que o novo governo brasileiro “demonstrou claramente a vontade de fortalecer a relação estratégica com os EUA”, no lugar da cooperação entre emergentes da última década.

Ele lembra porém que “no mundo real”, o efeito pode não ser forte, porque “China e Brasil são altamente complementares”, na economia.

china & argentina Também na Reuters, por New York Times e outros, “delegação chinesa visita Argentina para discutir construção de usina nuclear, sinalizando avanço que pode ampliar a influência cada vez maior de Pequim no país”.

Ao mesmo tempo, o presidente Xi Jinping visita nesta semana a Itália, que segundo o South China Morning Post deve ser o primeiro país do G7 a entrar para o projeto de investimentos em infraestrutura descrito como “nova rota da seda”.

BRASIL VS ARGENTINA? A inda na Reuters, “senadores americanos de estados agrícolas” enviaram carta a Donald Trump, sugerindo que consiga de Bolsonaro a liberação de uma “cota de importação de 750 mil toneladas de trigo dos EUA”. A maior parte do trigo comprado pelo Brasil vem da Argentina e um pouco de Uruguai e Paraguai. Segundo “autoridade brasileira”, Bolsonaro já estaria “levando em consideração”.

massacre O canal chinês de notícias CGTN e o Financial Times, entre outros, destacaram que os primeiros-ministros de Nova Zelândia e Austrália e o secretário do interior do Reino Unido cobraram respostas e mudanças das grandes empresas de tecnologia dos EUA. Do britânico: “Google, Facebook, vocês precisam fazer mais para conter a promoção de extremismo nas suas plataformas. Assumam alguma responsabilidade”.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 18/03/2019

Seção: Ciência

Autor: Ana Esteia de Sousa Pinto

Título: Base do Brasil na Antártida ficará pronta no fim do mês

Ainda levará um ano para local receber cientistas, que temem falta de verbas

São Paulo- Sete anos depois de ter sido destruída por um incêndio, a base para pesquisas científicas na Antártida deve ter a reconstrução concluída no final deste mês, mas ainda levará um ano para ser ocupada por pesquisadores.

Com 4.500 metros quadrados construídos por cerca de R\$ 100 milhões, a Estação Antártica Comandante Ferraz ainda precisará testar os sistemas no limite das condições de uso e segurança.

Cada disjuntor dos 200 quadros de luz precisará ser verificado, por exemplo, e os quatro geradores serão exigidos ao máximo, em diversas manobras, para garantir que a estação não fique sem energia nem por um dia.

Só depois seus 17 laboratórios começarão a ser ocupados. A inauguração oficial está marcada para o começo de 2020, um atraso de dois anos em relação à data prevista, mas cientistas acreditam que só em 2021 a estação esteja em condições adequadas de uso.

A demora, porém, não é o que mais afeta a pesquisa brasileira no continente, na avaliação do principal glaciologista (especialista em geleiras) do país, o professor da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Jefferson Cardia Simões.

“A estação é a casa do Brasil na Antártida, a manifestação de interesse político. Mas, cada vez mais, a ciência não é feita na estação, e, sim, em acampamentos temporários, nos navios ou com robótica.”

Segundo Simões, não mais que 30% das pesquisas usavam a estação antes do incêndio em 2012, e mesmo essas não pararam. O pesquisador da UFRGS lidera um dos 17 projetos aprovados no final de 2018 em chamada pública do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

Mais do que a ausência de base física, o problema é a instabilidade de financiamento, na opinião não só dos próprios cientistas mas de membros da Marinha (que administra a logística e a estrutura física) e de pesquisadores que estudam o Programa Antártico Brasileiro (Proantar, principal instrumento de execução da política antártica nacional), como o pesquisador do Ipea Israel de Oliveira Andrade.

Estudo coordenado por ele mostra que a fatia destinada à ciência oscilou bastante nos últimos anos.

O professor da UnB Paulo Câmara, por exemplo, passou os últimos cinco anos na Antártida identificando os caminhos e meios pelos quais musgos e líquens do polo Norte chegam ao polo Sul, entre outros aspectos.

A pesquisa foi realizada em estações da Espanha, da Coreia e do Chile e em acampamentos. Mas o financiamento, que deveria ter sido pago em três anos, atrasou, e a última parcela do foi paga só no fim do quarto ano.

“Precisei dispensar dois pesquisadores com pós-doutorado, que já trabalharam na Antártida, conhecem a logística e a ciência, publicam trabalhos, porque a bolsa acabou. O que eles farão agora? Vão vender pipoca? Mate gelado na praia?”, diz Câmara. “Já que é a ciência que mantém o Brasil com poder de decisão na Antártida, é preciso assegurar investimentos”, diz.

Esse poder de decisão vem do fato de que só países com atividade científica podem ter voz e voto no Tratado da Antártica, que regula as atividades no continente.

“São apenas 29 os países que decidem os destinos da Antártida, que é 10% do território do planeta, com 70% da água doce do mundo e imensas reservas intocadas de gás, minérios, petróleo”, diz Câmara.

“Mais do que voto, a palavra-chave talvez seja veto”, diz o contra-almirante Sergio Guida, responsável pela etapa final da reconstrução. Segundo ele, é de interesse nacional manter as normas atuais, que impedem a exploração comercial do continente.

Visão estratégica é a principal mudança na ciência brasileira na Antártida desde o incêndio da base, diz Simões.

“O país tem um planejamento de longo prazo, com dois focos: investigar questões pertinentes ao ambiente e à sociedade brasileira, com a melhor qualidade possível para reforçar o protagonismo brasileiro nos fóruns internacionais.”

Mas a questão do financiamento não está resolvida, mesmo que o edital do ano passado tenha garantido R\$ 18 milhões pelos próximos três anos. “Averba foi a tábua de salvação da ciência antártica brasileira, mas daqui a quatro anos ninguém sabe o que vai acontecer”, diz ele.

O investimento foi liberado ainda durante o governo de Michel Temer, mas não há mudanças de diretrizes na gestão Bolsonaro, segundo a responsável pela área no Ministério da Ciência e Tecnologia, Andréa da Cruz-Kaled.

“A prioridade agora é construir os laboratórios em conjunto com a comunidade científica, atendendo suas demandas e propostas”, afirma a coordenadora de Oceanos, Antártica e Geociências.

Vários dos projetos aprovados nesse novo ciclo estudam o impacto da Antártida no clima brasileiro: correntes e fluxos meteorológicos do continente afetam o regime de chuvas e a temperatura do Brasil.

“Já ouvi de um deputado da bancada ruralista que não se interessava pela pesquisa antártica, apenas pelo seu próprio setor. Mas só chove na terra dele por causa da Antártida”, afirma Guida.

Outro campo com potencial tecnológico e comercial é o de substâncias como anticongelantes e protetores solares produzidos por organismos que vivem nas condições extremas do continente.

A própria reconstrução da estação gerou conhecimento científico, diz Guida. “Erguer um edifício sobre solo congelado, com rochas a 70 metros de profundidade, exigiu soluções inovadoras, como placas de metal e de concreto formando uma estrutura que praticamente flutua sobre o solo”, diz ele.

No processo, o Brasil fez parceria com universidades chinesas para desenvolver tecnologias de construção nesse tipo de solo. Um dos laboratórios será patrocinado pela China, e haverá intercâmbio com técnicos da Marinha.

O projeto também superou desafios como o de prever uma estrutura aerodinâmica capaz de suportar ventos que chegam a 200 km/h, diz o arquiteto Emerson Vidigal, do escritório Estúdio 41, vencedor do concurso para conceber a nova estação.

Por causa do incêndio que deixou dois mortos em 2012, segurança foi uma das principais preocupações. Foram dobradas as recomendações técnicas que se referem a evacuação e combate a incêndios

VEÍCULO: O Globo

Data: 18/03/2019

Seção: Editorial

Autor:

Título: Aumentam os sinais de colapso do regime bolivariano de Maduro

Apagão, desmontagem da PDVSA e crise humanitária são reflexos dos delírios do chavismo

Vitorioso nas eleições de 1998, Hugo Chávez colocou em prática, de maneira minuciosa, o plano de conversão da democracia venezuelana em um regime autoritário nacional-populista.

Aproveitou a popularidade, pressionou a Justiça a lhe permitir convocar uma Assembleia Constituinte, na qual fez maioria, e assim abriu os espaços para instituir um sistema inspirado na Cubados Castro, inclusive com a ajuda destes. Lançou o delirante projeto do "Socialismo do Século XXI", inspirado no do século XX, que já não dera certo. Enquanto confiscava empresas privadas, intervinha de maneira suicida em fundamentos econômicos —juros e câmbio — e usava a estatal petrolífera PDVSA para financiar seus projetos populistas, Chávez permitia que se antevisse tudo o que aconteceu.

Substituído pelo sindicalista Nicolás Maduro, indicado por ele mesmo antes de morrer de câncer, Chávez lançou de fato as bases para o que se configura como a maior tragédia latino-americana nos tempos modernos.

O blecaute que atingiu o país a partir do dia 7 acelerou o colapso da Venezuela que era previsto ainda nos tempos de Chávez, caso ele prosseguisse com o seu "socialismo" Maduro seguiu pelo mesmo caminho, e o resultado é um país cuja população migra para os vizinhos em busca do básico: alimento, atendimento médico, segurança etc.

O gigantesco apagão — que Maduro, seguindo a cartilha do mentor, tenta explicar por sabotagens americanas —aprofundou a crise: sem energia, falta água; multiplicaram-se mortes de doentes graves em hospitais, cuja sobrevivência depende de aparelhos; aumentou o desabastecimento pela impossibilidade de se preservarem produtos perecíveis. Sequer a comunicação de famílias com parentes que emigraram foi possível, por motivos óbvios.

Os sinais de falência do sistema elétrico repetem o que acontece com a PDVSA. Assentada sobre a maior reserva de petróleo do mundo — superior à da Arábia Saudita, embora seja de óleo pesado, de menor valor comercial —, a empresa produz cada vez menos. Há dois anos, extraía mais de dois milhões de barris; este ano, a produção poderá cair abaixo do milhão.

A perseguição política dentro da empresa levou muitos técnicos a saírem do país, além das próprias condições de vida na Venezuela. Tudo isso, somado à falta de manutenção e investimentos, sucateia a PDVSA, e o mesmo ocorre no setor elétrico.

Que o jogo político em torno de Juan Guaidó, articulações que devem transcorrer no meio militar e pressões diplomáticas acelerem a saída para crise. O custo para os venezuelanos da manutenção de Maduro não para de subir.

VEÍCULO: O Globo**Data: 18/03/2019****Seção: O Mundo****Autor: JUSSARA SOARES E PAOLA DE ORTE****Título: Aliança estratégica**

EUA querem compromisso do Brasil em relação a Irã, China e Venezuela

WASHINGTON- Anunciada como a “retomada de uma parceria natural negligenciada nos últimos tempos”, a visita de Jair Bolsonaro a Washington começou na tarde de ontem com a chegada do presidente à Base Aérea de Andrews. O desembarque foi seguido por um jantar na residência do embaixador brasileiro nos EUA, Sergio Amaral, que reuniu nomes do conservadorismo americano e brasileiro.

E deve ganhar tons mais importantes hoje, com o encontro entre Conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, John Bolton, e o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno, na Casa Branca.

Na pauta do encontro entre Bolton e Heleno — que terá a participação do assessor internacional da Presidência, Filipe Martins — estarão Venezuela, Nicarágua, Cuba, China e Irã. A reunião servirá como um evento preparatório para o encontro entre Bolsonaro e o presidente americano, Donald Trump, agendado para amanhã.

CANAL DIRETO

Uma fonte do governo brasileiro informou ao GLOBO que a conversa tratará de “temas abrangentes de geopolítica”, e terá como finalidade “construir canais diretos entre a Casa Branca e o Planalto”, sem que a comunicação tenha sempre que passar pelos trâmites burocráticos dos dois países. Na prática, os Estados Unidos querem o comprometimento do Brasil em ações efetivas contra Venezuela, Nicarágua e Cuba, classificadas por Bolton como a “troika da tirania” na América Latina. Apesar de ideologicamente similares, os dois governos têm posições diferentes: Trump não descarta uma intervenção militar na região, enquanto que os principais assessores de Bolsonaro defendem uma saída sem armas.

Ontem, numa sequência de publicações no Twitter, o presidente expressou altas expectativas em relação à aproximação com Washington.

“Pela primeira vez em muito tempo, um presidente brasileiro que não é antiamericano chega a Washington. É o começo de uma parceria pela liberdade e prosperidade, como os brasileiros sempre desejaram”, declarou Bolsonaro,

embora Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff tenham visitado os EUA mais de uma vez.

“Brasil e EUA juntos assustam os defensores do atraso e da tirania ao redor do mundo. Quem tem medo de parcerias com um país livre e próspero? É o que viemos buscar! ”

O presidente decolou da Base Aérea de Brasília por volta das 8h de domingo com sete ministros: além de Heleno, acompanharam Bolsonaro o chanceler Ernesto Araújo e os ministros da Justiça, Sergio Moro; da Economia, Paulo Guedes; da Agricultura, Tereza Cristina; **de Minas e Energia, Bento Albuquerque**; de Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) também acompanhou o pai. É a primeira visita bilateral de Bolsonaro no exterior desde que assumiu o cargo em 1º de janeiro.

Os ministros o acompanharam no banquete na casa do embaixador, que teve no cardápio iguarias como mousse de caviar, bife Wellington, quindim e caipirinha e que contou com a presença de colonistas do Wall Street Journal, e nomes como Steve Bannon, ex-estrategista-chefe da Casa Branca, e o escritor Olavo de Carvalho, apontado como principal guru intelectual do governo Bolsonaro. Horas antes da chegada do mandatário, Olavo — que sentou-se ao lado de Bolsonaro durante o jantar — afirmou que o presidente está “de mãos amarradas por militares próximos com mentalidade golpista” e advertiu sobre a necessidade de uma mudança de rumo para que o governo “não acabe daqui a seis meses” O escritor classificou os militares, que vê associados ao que chama de “mídia oposicionista”, como um “bando de cagões”

Durante a tarde, um grupo de cerca de 100 pessoas fez um protesto em frente à Casa Branca com cartazes com referências ao caso das candidaturas laranjas e ao assassinato da vereadora Marielle Franco.

— Trump e Bolsonaro representam um movimento fascista que cresce no mundo — afirmou Mike Stark, líder do grupo DC United Against Hate (DC unido contra o ódio).

Dono de uma loja de carros usados e morando nos EUA há 29 anos, o paulista Daniel de Oliveira, de 54 anos, aguardou a saída de Bolsonaro da Blair House. Quando o presidente deixou o local, o brasileiro gritou, em inglês:

— We love you! Keep doing whatyou doing. (Nós te amamos. Continue com o que você está fazendo) — disse Oliveira.

— Não deixa a corrupção te pegar. Você não precisa disso.

Bolsonaro acenou ao brasileiro antes de partir.

— Valeu, pessoal. Obrigado. Thank you.

MME / ASCOM .